

pecuária

▶ Levantamento da Embrapa aponta que 80% dos pastos da região central do Brasil têm problemas

Degradação atinge pastagens

Pasto degradado afeta a produção e o desempenho dos animais



Marcus Vaillant

Wisley Tomaz

Da Redação

De acordo dados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) 80% dos quase 60 milhões de hectares de pastagens cultivadas do Brasil Central - que respondem por 55% da produção de carne nacional - encontram-se em algum estágio de degradação. Sendo que a meta do governo federal é recuperar 15 milhões de hectares de pastagens degradadas nos próximos dez anos. O professor e pesquisador da Embrapa, Lourival Vilela, explicou durante palestra sobre a Recuperação de Pastagens na Agrobrasil 2012 -Feira de tecnologias e negócios agropecuários - que a degradação de pastagens é um processo evolutivo de perda de vigor e produtividade forrageira, sem possibilidade de recuperação natural, que afeta a produção e o desempenho animal.

Segundo ele, o propósito agora é sensibilizar as pessoas para a importância da recuperação das pastagens. O professor mostrou que recuperar uma pastagem consiste no restabelecimento

da produção mantendo-se a mesma espécie ou cultivar e que renovar uma pastagem consiste no restabelecimento da produção com a introdução de uma nova espécie ou cultivar. Ele lembrou que a falta de motivação e informação são fatores determinantes para a degradação do solo, que é causada por vários fatores, entre eles: má escolha da espécie forrageira, má formação inicial, falta de adubação de manutenção e manejo da pastagem inadequado. Segundo Vilela a prevenção é a melhor forma de evitar a degradação.

Em Mato Grosso, com o início do período chuvoso, muitos pecuaristas estão iniciando a recuperação de suas pastagens. A estimativa é que no Estado 11 milhões de hectares de pastos estejam com algum grau de degradação, número que representa mais de 40% da área ocupada pela pecuária no estado. Na avaliação do pesquisador da área de forragicultura da Embrapa Agrossilvopastoril, Bruno Pedreira, o momento é o de colocar em prática aquilo que foi planejado com antecedência e não para ações imediatas sem nenhum planejamento prévio.

Na avaliação do especialista, o pecuarista precisa profissio-

nalizar sua atividade, trabalhando de maneira estratégica, planejada e com base em dados concretos da fazenda. Ele ainda destaca a importância de se praticar a forma correta de se fazer a recuperação das pastagens, a importância da escolha do tipo de forrageira, quais as etapas devem ser seguidas pelo produtor e quais as possíveis estratégias a serem adotadas na recuperação. Apontando que o Plano de Agricultura de Baixo Carbono (Plano ABC), que visa reduzir as emissões de carbono pela agricultura brasileira e que tem a recuperação de pastagens degradadas, deve ser um dos principais pilares na recuperação de pastagens.

Segundo o analista de Pecuária do Núcleo Técnico da Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso (Famato), Carlos Augusto Zanata, em praticamente todas as regiões do Estado se observa situações de áreas de pastagens degradadas, com destaque para o Vale do Araguaia, onde muitos pecuaristas em função deste problema, estão deixando esta atividade de lado para se dedicarem ao plantio de soja, por exemplo, ou estão comercializando suas propriedades. Daí a necessidade imediata no investimento em reforma de pastagens.

Praticidade com resultados

Wisley Tomaz

Da Redação

Com objetivo de facilitar a vida dos pecuaristas, um novo método foi criado para a castração de bovinos, acabando com o sofrimento do animal e reduzindo o trabalho. Trata-se da castração imunológica com a vacina Bopriva, que já está regulamentada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). A vacina foi desenvolvida pelas indústrias de medicamentos Pfizer. A partir dela, os produtores estão dando adeus aos tradicionais canivetes, oferecendo aos pecuaristas uma nova maneira de manejar seus rebanhos, proporcionando o chamado bem estar animal. O produto já havia sido aprovado no Brasil em novembro de 2010 e, recentemente, o Mapa estabeleceu os parâmetros que pecuaristas e frigoríficos brasileiros devem seguir para que os animais vacinados com Bopriva sejam reconhecidos como castrados no abate.

A vacina é administrada com duas doses injetáveis (dose e reforço) na tábua do pescoço e pode ser associada a outros manejos de rotina. A médica veterinária Fernanda Hoe, gerente de produtos da Pfizer, explica que a Bopriva estimula o sistema imune do bovino a produzir anticorpos contra o Fator de Liberação de Gonadotrofinas (GnRH), inibindo a liberação de dois hormônios da glândula hipofíse, o hormônio luteinizante (LH) e o hormônio folículo estimulante (FSH), e por consequência suprime a função testicular em machos e ovariana nas fêmeas. Com o bloqueio de produção da testosterona em machos, os comportamentos sexual e agressivo são reduzidos, além disso há melhora da qualidade da carcaça.

O efeito de Bopriva dura, em média, cinco meses depois da segunda dose administrada. Esta, deve ser feita cerca 5 meses antes do

abate. Com a aplicação de duas doses injetáveis de 1 mL cada, com um aplicador específico na tábua do pescoço do animal, o macho ou a fêmea estão imunologicamente castrados. A novidade é que a fêmea também pode ser castrada, já que a Bopriva imuniza a fêmea contra seu próprio GnRH e com isso suprime a liberação de FSH e LH, responsáveis pelo desenvolvimento dos óvulos e pela produção dos hormônios estrógeno e progesterona.

A Bopriva não tem qualquer atividade hormonal. Um estudo publicado pela Universidade Federal de Uberlândia revela os impactos negativos que a castração tradicional pode trazer.

Entre elas complicações pós-cirúrgicas e mortes foram as principais. De março a maio de 2010 foram avaliados 500 bovinos castrados de quatro fazendas, três em Minas Gerais e uma em Goiás. O trabalho mostrou que a miíase, ou bicheira (causada pela infestação de larvas e moscas em feridas), foi a complicação mais observada, com aproximadamente 15% dos registros, enquanto a morte foi o maior prejuízo, com taxa de mortalidade média de 0,4%.

De acordo com Olmiro Claudiano Teixeira Cavaleiro, veterinário da fazenda Teles Pires, localizada no município Nova Canaã do Norte

(699 km ao Norte de Cuiabá) a castração cirúrgica era parte da rotina. Agora, com os resultados obtidos pelo uso de Bopriva, só é realizada a castração imunológica. Com 12 mil machos no rebanho, a propriedade trabalha com cria, recria e engorda de Nelores e animais com cruzamento industrial. A primeira experiência com Bopriva foi com 201 machos, no sistema de terminação de semiconfinamento comendo 5 kg de ração ao dia e com pastejo em Brizantha. Divididos em lotes de 35 bois em piquetes de 18 alqueires, os animais receberam as duas doses da vacina, sendo a primeira em 2 de fevereiro de 2012.



Marcus Vaillant/Arquivo

Castração imunológica evita desgaste e sofrimento dos animais